Ano I — Faro, 12 de Março de 1913 — Num. 93

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Avença

Administrador, — *J. P. Sousa* = Editor, — *L. Franco*
Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão
Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: —Trimestre 500 réis = COMUNICADOS E ANUNCIOS: —Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

Politica nacional

ODIOS E DESPEITOS

Na ancia criminosa de prejudicar as novas instituições, levantando obstaculos ao regular funcionamento da vida nacional, continuam os monarquistas e os despeitados a maldizer da moralidade da Republica, incitando o povo a criticar as suas leis e a revoltar-se contra elas.

Até aqui, serviu de pasto á indigna exploração dos inimigos do regimen essa grande lei, que, separando a igreja do estado, libertou a consciencia do povo,—essa explendida lei que muitos pretenderam amesquinhar, sem ao menos a terem assimilado, sem ao menos a terem lido, e alguns outros desejaram ferir, sem razões de direito ou de moral atinentes á propria lei, mas unica e simplesmente por despeitos e ambições egoistas, por invejas e odios pessoaes alvejados ao seu autor.

Estão no primeiro caso, todos esses *patriotas* que, depois de saborearem á tarde uma chavena de café, disputam logares nas cadeiras das Havanezas, onde passam duas ou tres horas criticando malevolamente a humanidade e os seus costumes, a Republica e as suas leis.

Está no segundo caso o patriarca do evolucionismo, que, sancionando a lei, *sem lhe ter encontrado defeitos*, e descobrindo-lhe depois umas ligeiras arestas, anuncia agora que o seu congresso, o proximo congresso do seu partido a vae discutir e aperfeiçoar!

E tudo porque? Porque os primeiros nunca se preocuparam com o estudo nem mesmo com a simples leitura da lei, e porque o segundo não quiz jamais respeitar a honestidade politica do seu adversario.

Pois é o que sucede presentemente com a lei de 15 de fevereiro, que trata da contribuição predial. Esta lei tem sido nos ultimos dias o pretexto das mais torpes e criminosas explorações politicas, e essas vilissimas explorações ou vêm dos monarquistas que, sem terem lido a mesma lei, a criticam no intuito de desacreditarem a Republica, ou vêm do marechal evolucionista, que, na sua imprensa, comete o grande crime de dificultar a governação honesta do paiz, arrastado unicamente pela inveja e pela irrisoria ambição do poder.

E uns e outro, fazendo mal á ideia democratica, fazendo mal á orientação produtiva do ministerio presidido pelo dr. Afonso Costa, influem poderosamente para o desprestigio das instituições e para o descredito da moralidade nacional. Por outro lado, os que assim procedem, ou não teem amor ao seu paiz e desejam entrega-lo á dominação das gentes estranhas, ou não teem a verdadeira conciencia das suas responsabilidades politicas.

O nosso paiz tem a absoluta necessidade de fomentar uma reconstituição economica e financeira, e portanto devem os nossos governos trabalhar afincadamente para a solução de todos os problemas que digam respeito a esses dois ramos da administração vital.

Ora, estorvar a iniciativa dos que se dispõem a trabalhar, tendo em mira o engrandecimento do paiz, é evidentemente um crime de lesa-patria, que de modo nenhum se pode justificar pelos odios que nascem quer da divergencia de principios constitucionaes, quer da simples dissidencia de principios partidarios.

Todos nós sabemos até onde chegava, em tempos da monarquia, a imoralidade dos processos e dos funcionarios publicos, na distribuição dos impostos: era um atentado aos mais rudimentares principios da justiça e um poderoso embaraço ao fomento da riqueza nacional.

Os pequenos proprietarios, esses que mal tinham rendimentos com que pudessem bendizer o seu trabalho e resistir ás mais ingentes necessidades da vida, eram positivamente aqueles sobre quem recaiam maiores encargos; e entretanto, os verdadeiros proprietarios, os colossos do paiz, olhavam de soslaio para as grandes miserias, e, entre espiraes de fumo e o doce espirito dos licores, saboreavam as iniquidades com que se mantinham os seus privilegios.

A' face desta lei, todas essas iniquidades cairam por terra. E assim, aqueles que regavam com lagrimas de sangue o produto do seu trabalho, deixarão de sofrer as atribulações que lhes causava a dura necessidade do pagamento dos seus impostos; e os outros, os grandes proprietarios, que tão habituados se sentiam ao regimen dos privilegios, hão de pagar na justa proporção das riquezas que tiverem.

E' isto o que deve ser, e o que a lei da coutribuição predial tão honesta e patrioticamente dispõe.

E tenham os monarquistas e os despeitados a certeza de que o povo, estando já certificado do patriotismo e nobreza de carater que presidiu á feitura desta lei, saberá repelir a afronta que se faz á moralidade dos principios tributarios em que se baseiam as grandes medidas financeiras do atual ministerio.

Cancioneiro do Povo

Raparigas, tomae nota,
Rapazes não vos fieis,
Cantigas leva-as o vento,
Cartas de amor são papeis.

Quem tiver filhos pequenos
Por força tem que cantar:
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar!

Quando as contas do rosario
Forem abraços e beijos,
Apezar de ser alem,
Resarei os meus desejos.

NOTAS E COMENTARIOS

Dr. Nobre Ribeiro

Foi nomeado administrador do concelho de Odemira o nosso dedicado amigo e prestimoso correligionario sr. dr. Francisco José Nobre Ribeiro.

O seu belo carater e a sua esclarecida inteligencia são penhores seguros de que o nosso querido amigo desempenhará a contento de todas as funções do seu espinhoso cargo.

Abraçamo-lo muito cordealmente.

Fatalidades.

A filarmonica *União Republicana* promoveu nesta cidade, no Teatro Circo, uma conferencia que versou a respeito do *Credito Agricola*.

Esta conferencia, que por falta de numero, já fôra adiada uma vez, teve logar no domingo, pelas quartoze horas.

Apezar dos reclamos de variadas cores, esteve a conferencia em risco de ser novamente adiada, porque, em virtude de faltarem ouvintes, nem o proprio conferente queria aparecer.

Mas á ultima hora tudo se resolveu. Assistiram á conferencia muito poucas pessoas que, logo ás primeiras palavras do conferente, saiam á formiga, deixando a casa ás moscas. Até os proprios porteiros, cheios de sono e rogando mil pragas á sua sorte, resolveram sair, entregando ao conferente as chaves das portas, afim de que ele as fechasse quando, aborrecido de si proprio, batesse em retirada, para ir agradecer aos seus correligionarios as bodas em que o meteram, sem ao menos lhe haverem arranjado uma *cláquesinha* de meia duzia de gatteiros que pudessem fazer até ao fim as honras da casa.

Depois deste valente fiasco, digam lá que a filarmonica vae deitar novos fardamentos, a ver se nós acreditamos!

A força do habito

Passaram as ruas da cidade a tomar o aspeto das coisas mais nojentas deste mundo. Em toda a parte se veem porcarias amontoadas, animaes apodrecidos, valetas imundas...

Bem se vê que a ilustre vereação munícipal só teve cuidado nas ruas, enquanto se falou dos jornalistas inglezes!

Contrastes

Por mais que se tenha insistido, não ha meio de conseguir da administração dos caminhos de ferro do Estado umas lampadas eletricas para a gare da estação de Faro.

E' realmente o que ha de mais espantoso! E andam então os jornaes a dizer que os aumentos de receita nas linhas do *Sul e Sueste* são extraordinarios!

O que parece incrivel é que as receitas cresçam e as poucas vergonhas continuem!

O que eles são

Os evolucionistas, ambiciosos de governar, estão fornecendo ao pais a mais triste nota da sua incompreensão dos deveres civicos. Na imprensa, tratam de levantar campanhas sistematicas e absolutamente descabidas contra as grandes medidas governamentaes, na ancia de despretigiar o presidente do conselho; no parlamento, fazem comedias e provocam tumultos, para obstar á marcha regular da governação publica.

Ao que se vê, são uns grandes patriotas os srs. evolucionistas!

O jogo

Dizem-nos que se joga por ahi desenfreadamente a quaesquer horas do dia e da noite, nos clubs, nos restaurantes e nas tabernas.

Pode lá ser! Pois as autoridades, sendo democraticas, terão consentido tal coisa!? Demais a mais, tendo vindo do ministerio do Interior umas instruções tão rigorosas, que chegam a ameaçar de demissão as autoridades administrativas que por culpa ou negligencia não reprimirem esse crime!

Exibições evolucionistas

Consta-nos que para os lados de Vila Real de Santo Antonio, uns evolucionistas quaesquer, fazendo valer a sua qualidade de socios do *Gremio Lusitano*, quizeram, contra a letra expressa da lei organica, transformar esse gremio num centro evolucionista, em cujas paredes figurasse o retrato do visionario dr. Antonio José de Almeida.

Tambem nos consta que a brincadeira não chegou a produzir o resultado que os referidos exploradores ambicionavam.

Ainda bem que a razão de ser das coisas impoz aos discolos a verdadeira doutrina.

Contra a maré

As estancias superiores ordenaram aos delegados de saude e ás autoridades administrativas o rigoroso cumprimento do que dispõe o n.º 6 do artigo 53.º do regulamento geral de saude, que manda proceder contra os que exercerem as profissões de facultativos, farmaceuticos, dentistas e parteiras, sem titulos que lhes autorise o exercicio de taes funções.

Pois sim! Ordens, instruções e portarias não faltam, mas os curandeiros existiram sempre e hão de existir *in secula seculorum*.

E mal de nós se não existissem! Esta é que é a verdade.

Aos nossos adversarios

Recortamos do nosso colega a *Mundo* estes pedacitos de oiro:

«O ministerio presidido pelo sr. dr. Afonso Costa quer atulhar o pantano que a monarquia deixou e que, em grandissima parte, ainda empesta os ares, envenenando agregados essenciaes do Estado. Quer cuidar do bem viver do povo, dentro dos direitos que a todos assistem, sem exceção. Quer consolidar o regimen na politica, na administração, e nos costumes. Quer moralizar todos os serviços publicos, de modo a torná-los uteis ao Estado. Quer completar, sem indignidade nem injustiça para quem quer que seja, a aplicação integral da lei da separação e das leis anti-congreganistas —sem o que a Republica não poderá em Portugal viver com liberdade e com honra.

E' isto exatamente o que nós pensamos. E' isto mesmo. São compromissos do Partido Republicano Portuguez e o sr. dr. Afonso Costa sabe-los-á respeitar.

Do Brasil

Recebemos a seguinte comunicação que muito gostosamente publicamos:

«Santos, 15 de janeiro de 1913.

Cidadão:

No desempenho das atribuições do meu cargo, cabe-me a honrosa missão de comunicar-vos que, em reunião da Assembléa Geral, efetuada em 12 do mez fluente, foram empossados no exercicio administrativo deste Centro, os seguintes corpos gerentes:

Assembléa Geral

Presidente: *Abel de Castro.*

Diretoria

Presidente: *Rebelo Gonçalves.* Vice-presidente: *Vitor Soalheiro.* 1.º secretario: *Benjamin M. Cabral.* 2.º secretario: *Manuel Cabral Guedes.* 1.º tesoureiro: *José Luiz Antunes.* 2.º tesoureiro: *João da Silva Vieira.* Vogaes: *Antonio Pinto Candido, João Marques Azevedo. Domingos Mendes Guimarães.*

Conselho Consultivo

Rodrigo da Costa Santos, Alexandre Taveira, Alexandre de Sousa Machado, Joaquim Ferreira da Costa, Antonio Augusto Marialva.

Comissão de contas

João Monteiro de Oliveira, José Pinto de Oliveira. José Soares Antunes.

Comissão de sindicancia

Antonio Colaço. Abilio F. de Carvalho. Manuel Alves Nogueira.

Com os protestos de estima e consideração, envio-vos afetuosas e cordiaes saudações

Benjamin M. Cabral,
1.º secretario.»

Saudamos os nossos correligionarios e desejamos-lhes as maiores prosperidades e venturas.

Uma boa ação

Para solenisar a *Festa da Arvore* que se realisou ha dias nesta cidade, o nosso prestimoso colaborador e amigo sr. Honorato Santos compoz uma linda e artistica valsa a que deu o nome de *Arvore*.

Esta valsa foi mandada litografar em Coimbra, a espensas do autor, e o seu produto consagrou-o este aos pobres do Hospital e do Albergue de Faro.

Felicitamos o nosso ilustre amigo pela sua ideia tão patriotica e tão humanitaria.

Faça-se justiça!!!

Ha quasi um ano que, por motivos absolutamente injustificados e injustificaveis, está suspensa do logar de professora efetiva da Escola Normal de Faro a sr.ª D. Inácia Anes Baganha Leal, a quem a má vontade ou a inconciencia dum homem envolveu nas responsabilidades da sindicancia que se fez á mesma escola.

Muito se tem dito nos varios jornaes da capital, muito se tem reclamado nos jornaes desta provincia, e ultimamente levantou-se neste jornal democratico a mais desinteressada e altiva campanha a favor dessa grande e incansavel propagandista a quem o povo do Algarve e a instrução do paiz tantos beneficios devem.

Pois, não obstante as reclamações da imprensa, nada os governos da Republica teem resolvido que ponha fim a esta situação degradante e imoral, a esta indignidade que tanto mal acarreta sobre o prestigio das novas instituições!

Está indevidamente suspensa uma honesta professora, das que mais honram o magisterio, e essa professora, apezar de suspensa, está recebendo o seu vencimento de categoria. Esta situação misteriosa e deploravel, para que a ilustre professora em nada concorreu, existe ha quasi um ano, com prejuizo para a educação normal e, principalmente, com desdoiro para os homens da Republica.

Entretanto, o paiz está necessitado de professoras e pensa em recrutar para a escola normal do sexo femenino do Calvario, interinamente, as professoras indispensaveis á aglomeração de serviço e desdobramente de cursos!

Não seria justo, não seria razoavel, não é absolutamente necessario que estas imoralidades tenham o seu fim?!

Havendo uma escola onde se faz sentir a falta de professoras interinas, para atalhar ás urgentes necessidades da instrução; e havendo que recorrer a verbas extraordinarias para custear os vencimentos das professoras interinas, é por ventura crivel que tudo isto seja levado a efeito, sem o governo obstar á grande injustiça de manter na situação de martir uma professora que tem juz a todas as atenções e a todas as honras?

Porque não resolvem os ministros a sindicancia?

Porque não levantam a suspensão á esta senhora? Porque a não transferem para a escola normal do sexo femenino do Calvario?!

Mas... porque se não faz tudo isto muito depressa?!

Vamos! Haja moralidade! Faça-se justiça!!!

ATUALIDADES

A FESTA DA ARVORE EM ESTOI

Revestiu o maior luzimento a festa da plantação da arvore em Estoi.

Bem pode dizer-se que a linda aldeia esteve em festa durante esse dia consagrado a tão importante e significativa homenagem á Natureza, que tanto enriquece aquele formoso rincão do Algarve com a prodigalidade dos seus esplendores.

A enorme concorencia de povo e de forasteiros, entre os quaes se contavam muitas pessoas desta cidade, contribuiu sem duvida para que a festa revestisse desusada imponencia, pelo que muito sinceramente felicitamos a digna comissão promotora, entre a qual é de toda a justiça destacar o nosso presado amigo e correligionario, o digno professor oficial, sr. Verissimo Manuel Martins, que empregou todos os seus esforços, que foram inumeros, para que a *festa da arvore* em Estoi deixasse em todos quantos a ela assistiram as mais gratas e perduraveis impressões.

No justo empenho de dar o maior luzimento e grandiosidade a tão importante manifestação civica, traiou a comissão de obter o valioso concurso do incansavel propagandista sr. dr. João Pedro de Sousa, a quem pediu que abrilhantasse a festa com a sua palavra fluente e educativa

dirigindo-lhe para tal fim o seguinte convite:

Cidadão dr. João Pedro de Sousa:

Em nome da comissão e dos professores desta freguezia, tomo a liberdade de convidar V. Ex.ª a assistir no proximo domingo, dia 9 do corrente, pelas 16 horas da tarde, á «festa da arvore» honrando com a vossa presença e com a vossa palavra este ato que é bem significativo do nosso progresso e do muito zelo e bôa vontade com que desejamos acompanhar a civilisação moderna, em todos as suas evoluções.

Certos e confiados no valor patriotico com que V. Ex.ª, já pela palavra já pela imprensa, difunde sãs doutrinas, incitando os portuguezes a sairem dessa pusilanimidade que os avilta e envergonha, esperamos a vossa vinda a esta localidade e, mais uma vez, V. Ex.ª deixaria aqui uma lição exemplar que servirá de guia ao nosso patriotismo outr'ôra moço, robusto e forte; hoje velho, alquebrado e fraco!...

Estoi 7-3-913.

Saúde e fraternidade

Pela comissão e pelos professores

Verissimo Manuel Martins

A patriotica iniciativa, que se deve ao *Seculo Agricola*, encontrou em Estoi os mais dedicados e incansaveis cooperadores.

Festa patriotica, festa da mais elevada e conceituosa significação civica, ela contribuirá, cremo-lo bem, de uma forma poderosissima, para o resurgimento desta grande Patria Portugueza.

Festa essencialmente dedicada ás creanças, é tal a sua importancia e significação, que até os proprios adultos nela teem muito que aprender, iniciando-se nas praticas deste culto prestado ás arvores, inesgotaveis fontes de riqueza e beneficios, sob qualquer dos aspetos que as consideremos.

Exemplos vivos da maior abnegação, elas, com a sua inconciencia, patenteiam-nos toda a grandiosidade de um labor incessante, de um trabalho proficuo e laborioso que depois floresce nos mais belos e esplendidos resultados.

Mas registemos nas colunas do *Heraldo*, sempre abertas a todas as iniciativas patrioticas, o que foi a festa da arvore em Estoi. Iniciando o nosso relato, diremos que eram cerca das 15 horas quando o sr. dr. João Pedro de Sousa, acompanhado pelo sr. Lyster Franco, chegou a Estoi, onde, por parte dos seus amigos pessoaes e dedicados coreligionarios, lhes foi dispensado um carinhoso acolhimento, organisando-se, pouco depois o

Cortejo

que, partindo da séde do Centro Republicano Democratico dr. Afonso Costa, na Praça da Ossonoba, percorreu as principaes ruas da freguezia, entre ondas de povo que saudavam com muitas palmas e aclamações as creanças das escolas que durante o trajeto cantaram *a Maria da Fonte*, *o Hino do Trabalho*, etc.

A' frente caminhava um dos socios do Centro Republicano conduzindo a bandeira nacional, socio que era ladeado por outros correligionarios; seguiam-se-lhes as creanças das escolas oficiaes, acompanhadas pelos seus professores e com os seus estandartes e distintivos, e as arvores que iam ser plantadas.

Fechavam o cortejo muitos socios do Centro Republicano, com os respetivos corpos gerentes, muitas pessoas de representação da freguezia e povo.

Ao estralejar de inumeros foguetes e ao som dos hinos patrioticos entoados pelas creanças, seguiu o cortejo estrada fora, encaminhando-se para uma vasta propriedade do sr. Gaziba onde, ao som dos maviosos versos do *Hino do Trabalho*, do imortal poeta Castilho, as creanças procederam á plantação das arvores: uma oliveira, um loureiro, uma nespereira, um limoeiro e uma pereira, em covatos previamente preparados.

Terminada esta faina, que as creanças executaram com o maior entusiasmo, subiu a uma pequena elevação a menina Laura de Sousa, uma pequenita loira, interessantissima, que recitou corretamente *O Hino das Arvores*, de Olavo Bilac, sendo muito aplaudida. Seguiu-se o menino Julio Vicente, que em breves palavras, enalteceu a festa que se estava realizando.

Segue-se-lhe o menino Julio Vicente, que prega o amôr e o respeito ás arvores, a menina Maria do Carmo Feijão, que fala sobre a agricultura, a menina Adelia Ester Forja, que profere *um conselho sobre a plantação da Arvore*, a menina Maria Albertina Mendonça Coelho, uma das gentis netas do nosso dedicado amigo sr. Francisco de Paula Mendonça, que recitou com muita naturalidade e graça a interessante poesia *As creanças*, e a menina Eugenia dos Santos Sousa, que disse *a Herva*, sendo todas muito aplaudidas.

Em seguida usou da palavra a sr.ª D. Maria Guiomar Vieira Flores,—digna professora oficial da freguezia, que, num breve mas conceituoso discurso, incita os seus alunos ao culto da arvore, cujos beneficios enumera, sendo muito aplaudida pela assistencia.

Fala, depois, a professora sr.ª D. Ana Isaura de Sousa, descrevendo as vantagens e a utilidade da prapaganda do culto da arvore, seguindo-se-lhe o nosso presado amigo e correligionario sr. Verissimo Manuel Martins, digno professor oficial que, num entusiastico discurso, descreve as belezas do Algarve e fala das suas arvores, cuja importancia descreve, mostrando aos seus alunos quanto é injusto e triste maltratar uma arvore, arrancar-lhe os galhos, partir-lhe os troncos, tentar derriba-la.

Alongando-se em substanciosas considerações, apela para a coragem civica de todos e diz esperar que aquela festa, tão altamente significativa, venha a servir para despertar todas as inergias e concatenar todas as vontades.

Termina por agradecer a todos os que quizeram contribuir com os seus esforços e com a sua presença para o brilhantismo desta festa e especialisa os cidadãos dr. João Pedro de Sousa e Lyster Franco, cujos nomes a assistencia acolhe com vibrantes salvas de palmas, que se repetem quando o sr. Martins anuncia que vae fazer uso da palavra o incansavel propagandista sr. dr. João Pedro de Sousa, de quem em breves mas conceituosas palavras, descreve o perfil politico e as distintas qualidades de cidadão amantissimo da Patria.

Calorosos aplausos sublinham o vibrante discurso do sr. Verissimo Martins, que é muito felicitado pela assistencia, aplausos que se repetem quando o sr. dr. João Pedro de Sousa se dispõe a fazer uso da palavra.

Nem só a politica serve de tema aos seus discursos, diz o sr. dr. João Pedro de Sousa; está sempre pronto a usar da palavra a favor de todos os ideaes levantados e patrioticos!

Uma prolongada salva de palmas e muitos vivas ao sr. dr. João Pedro de Sousa, interromperam o orador que, restabelecido o silencio, continua o seu discurso, fazendo a apologia das arvores, enumerando os beneficios que elas nos prestam e o importantissimo papel que elas representam como fatores da riqueza nacional.

Referindo-se ás arvores que acabavam de ser plantadas, conta as suas lendas e descreve a sua influencia através das civilisações primitivas.

Os povos antigos, diz, prestando culto ás arvores, no seu profundo e filosofico panteismo, evidenciaram um conhecimento perfeito da vida pratica e como que adivinharam os inumeraveis serviços que com o progresso da civilisação as arvores viriam a prestar á humanidade culta.

Dirige-se seguidamente ás creanças que o escutam e em frases conceituosas, apresenta-lhes as arvores como exemplos vivos de abnegação e amôr.

Pede-lhes que tenham sempre bem presente no seu espirito todos os beneficios que proveem das arvores; que se lembrem que a arvore acompanha o homem desde o berço á sepultura e que, quando, cedendo ás leis fataes da existencia, a morte o derruba, é ainda uma arvore, o cipestre, consagrado pelos antigos a Plutão, que fica de sentinela á sua sepultura.

Evidencia quanto é significativa aquela festa, e termina por afirmar que é da mais intensa propaganda do amor pelas arvores que hão de resultar a revivescencia e o resurgimento do nosso paiz, porque plantar uma arvore é semear a paz, a riqueza e o amor.

Inumeros aplausos, prolongadas salvas de palmas e muitos vivas ao sr. dr. João Pedro de Sousa, acolheram as ultimas palavras do orador, encaminhando-se todos em seguida, para um recinto proximo onde foram oferecidos ás creanças bolos e vinho. Estas cantaram, então, o *Hino das Escolas*.

Voltando a fazer uso da palavra, o sr. Verissimo Martins brinda pelas prosperidades de quantos o auxiliaram na realisação da festa e saúda os ilustres visitantes, sr. dr. João Pedro de Sousa e Lyster Franco, cuja presença num ato tão significativo, bem evidencia quanto é sempre grato aos seus espiritos tomar parte em todas as manifestações de civismo.

Agradece-lhe o sr. dr. João Pedro de Sousa, que, saudando as creanças, a quem mais uma vez demonstra a grande significação da festa que se realizou, festa toda amôr, festa toda confraternisação, festa das mais importantes e de maior alcance das que podem realisar-se nos nossos tempos, festa em que não entra a politica, tal qual geralmente ela é compreendida, o que a transforma num tumultuar de odios e paixões sempre infrutiferas e perniciosas.

Ele, orador, é tambem politico, mas confessa que da politica só lhe teem resultado dissabores.

Mas não arripiará caminho: mudará, apenas de orientação, e á politica mesquinha e orientada em falsos principios de egoismo e vaidade, preferirá a politica do bem e do trabalho, que é indubitavelmente a mais honesta e util.

Uma vibrante saudação interrompe o orador, que pouco depois conclue o seu discurso, pregando as grandissimas vantagens do trabalho perseverante e honesto e, recordando á assistencia que o culto da arvore foi anatematisado pela religião cristã, termina por dizer-lhe que dessa religião só a moral deve ser aproveitada, porque ela está inspirada em tão bons principios que nem a igreja com os seus falsos preconceitos e erros tem conseguido entenebrece-la e desvirtua-la.

Estas palavras provocam uma ovação delirante ao sr. dr. João Pedro de Sousa que é muito vitoriado e abraçado pelos seus amigos e correligionarios.

Em seguida o cortejo dispersa em direção á freguezia.

E' sol poente.

O arvoredo tinge-se de tons doirados e rubros e os canticos das creanças, que regressam á aldeia, espargem pelo ambiente a mais profunda e saudosa impressão.

Está terminada a festa.

Fizemos as nossas despedidas, trocámos os ultimos apertos de mão e regressamos á cidade nesse suave devaneio que predomina no espirito, sempre que lhe é dado assistir a festas de tão elevada significação civica e de tão grande alcance para as gerações futuras!

CONTOS E NOVELAS

A ETERNA CANÇÃO

A distancia, perdendo-se, o comboio deixou pairando no ar uma longa flamula de fumo.

No ceo a rutilancia do azul esmaiava e os longes fundiam-se num esbatimento cendrado, subtil e vago.

Ele seguiu pelo atalho e procurou o chalet, a *Vila* em que ela lhe falára ao prometer-lhe aquela primeira entrevista.

A breve trecho divisou, entre o arvoredo, uma construção ligeira, de linhas aristocraticas, um chalet de luxo.

Ao redor, num pequeno jardim, em alegretes pequeninos, muitas flores vicejavam e um ar balsamico circundava tudo.

E ela?

Oh! Ela lá estava á janela, que um silvado de folhas de geranio emoldurava.

Ao vê-lo corou.

Pois ele viera? Tinha-lhe então afeto?

Não mentira ao enviar-lhe, numa tarde de verão, aquela carta rescendente a *foin coupée*, confessando-lhe o seu grande amor?

Sorriu para ele.

Ele cumprimentou-a cerimoniosamente e seguiu ao longo do atalho e costeando o pequeno muro do jardim, feito de pedras soltas e tão baixo que parecia um parapeito de varanda, aproximou-se.

Ela esperava-o.

Ao verem-se assim tão proximos conservaram-se por muito tempo silenciosos e como que imobilisados por aquele delicioso torpor de felicidade que por completo os dominava.

Amavam-se?

Talvez. Para ele, ali, áquela hora nostalgica da tarde, ela tinha mais encantos, mais radiosa formosura do que quando a via, muito debruçada á janela, na ancia de seguilo com a vista.

Já não era simplesmente aquela joven encantadora que, uma noite, por acaso ele vira entrar, formosissima no seu lindo vestido de *étamine*, uma vistosa loja de modas.

Era mais, muito mais. Aos seus encantos de mulher, juntava-se, áquela hora, toda a vaga e sonhadora expressão de que a Natureza parecia revestida.

Ela sorriu. Tinha-o ali quando não esperava tornar a vê-lo...

As cartas trocadas entre ambos, os passeios na Avenida, ele a segui-la a respeitosa distancia, as longas tardes a espera-lo, á janela, tudo isso ela considerava mera insignificancia naquele instante feliz.

Tinha-o ali. Era ele...Ali estava envolvendo-a toda num apaixonado olhar...

Dominada a comoção, ela falou.

—Não o esperava. Ainda bem que veiu.

A sorrir, perguntou:

—Pois não tinha eu dito que viria?

E ela, rindo:

—Os homens prometem tão facilmente como deixam de cumprir...

Ele sentiu a evidencia daquela afirmação e conservou-se silencioso, e ela reatando o dialogo interrompido, continuou:

—Ainda bem que veiu! E' tão aborrecido tudo isto!... Passo o meu tempo a ler as suas cartas e a lembrar-me de si...

Por sua vez ele sorriu.

—De mim—interrogou:—Pois v. ex.ª pensa em mim, aqui longe do bulicio da capital, tão rodeada de flores... Como agradecer-lhe?...

—Como? Pensando tambem muito em mim.

—Então não havia de pensar?

E ela com intenção:

—O sr. é que sabe em quem pensa...

E ele muito apaixonado:—V. ex.ª tambem sabe, porque já lhe confiei esse segredo do meu coração...

Durante esta troca de palavras ele subira a uma pequena elevação de terreno, no intuito de melhor poder escuta-la.

Ela, como á varanda, debruçou-se um pouco e sempre a sorrir:

—Pois ama-me?—perguntou, numa voz debil, repleta de suavidade.

Ele tomara-lhe as mãos e apertava-as febrilmente, apaixonadamente; então ela, sentindo-o junto de si, admirou-se da propria ousadia.

—Que motivo tens tu para duvidar de mim? Pois não acreditas que te amo?...

Ela sorria... um sorriso de muito jubilo, um sorriso feliz brincou em seus labios finos, os olhos iluminaram-se-lhe numa alegria intensa...

Debruçou-se um pouco mais, como a pedir-lhe que, dentro da concha minuscula da sua orelhinha rosada, ele repetisse aquelas frases ternas...

Alguns aneis do seu cabelo acariciaram brandamente a fronte dele e, como em segredo, ela confessou que tambem o amava muito...

Falavam com os rostos muito proximos, muito baixinho; foi por isso que numa atração impetuosa os labios de ambos se procuraram, unindo-se num casto e afetuosissimo beijo...

O primeiro beijo de amor!

. . . . . .

Escurecia.

Na folhagem os tons de oiro em braza dispersos pelo sol poente, apagavam-se.

Estrelas luziam no ceo e pelo campo cigarras estridulas, pareciam entoar a eterna canção do amor...

Lyster Franco.

POETAS

INCENERAÇÃO

Oh! quando eu morrer meu desejo é arder
Na chama em espiraes de uma ardente fogueira.
Desejo em incenso, voar ao imenso...
Deseje ser fumo, ser nuvem ligeira.

Desejo que a aragem, na sua viagem,
Na fimbria das azas me leve em poeira.
Desejo em incenso, voar ao imenso...
Desejo ser fumo, ser nuvem ligeira.

Em cinzas, de ninho de algum passarinho
Virei a servir—talvez de um roxinol.
Em fumo, no ceo hei-de ser gentil veo,
Na aurora rosado pelos brilhos do sol.

Em cinzas, no pólen do calix que evole
Aromas subtis, poderei penetrar
Em fumo, de neile, onde a lua se acoite,
Montanhas nevadas virei a formar.

Em cinzas, na margem oodo aguas se espargem,
Irei confundir-me entre os granulos de oiro.
Em fumo, do solo indo á patria de Eolo,
Virei em aljofar, que belo tesoiro!...

E o vate, ao passar o meu fumo no ar,
Dirá delilhando no seu alaude:
—A nuvem que passa é mortal que esvoaça...
Viveu e gozou já tambem juventude.—

Dirá ao sentir da nortada o rugir,
E ao ver-me em poeira pelo vento impelida:
—Em pó eis um peile que voa desfeito,
Que arfou muitas vezes de amor quando em vida.—

Oh! quando eu morrer, meu desejo é arder
Na chama em espiraes de uma ardente fogueira.
Desejo que a aragem, na sua viagem,
Na fimbria das azas me leve em poeira.

Renego os jazigos que servam de abrigos
A mortos vaidosos; correr me compraz.
Em atmos disperso por tode o Universo,
Sem ter uma pedra que diga:—Aqui jaz.

MARINHA DE CAMPOS.

VINTEM PREVENTIVO

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«PARECER—Os sinatarios, reunidos em 5 de Março de 1913, a convite da Direção da instituição «Vintem Preventivo» para emitirem a sua opinião ácerca das contas da referida instituição, tendo feito um rapido exame aos livros e documentos que lhes foram presentes, concluiram o seguinte:

1.º—Que a escrita do «Vintem Preventivo» não obedecendo ás exigencias duma contabilidade devidamente arrumada, por isso que desde o seu inicio parece ter tido como principal objetivo apenas o registo de Receita e Despeza, não é criticada sob tal aspeto.

2.º—Que apezar de não existirem os livros necessarios que mostrem a concordancia entre si, como sucede no sistema diagrafico, os auxiliares diversos que nos foram presentes, estão claramente descritos de forma a verificar-se a origem de todas as receitas, e a sua aplicação devidamente documentada.

3.º—Que o nosso exame, tendo só por fim fazer uma ideia geral da forma pela qual o movimento do «Vitem Preventido» era escriturado e conduzido, não desceu a detalhes de conferencia, especialmente documentos.

4.º—Que finalmente em sua consciencia julgam que a gestão dos dinheiros confiados a esta instituição foi feita com toda a honestidade e que tudo se pode apurar com relativa facilidade, visto como não faltam elementos para se reconstituir em perfeita ordem, uma escrita com todos os requisitos.

José Maria Pereira. Thomé de Barros Queiroz, João Pedro Soares, Emilio Ferreira.

Na proxima semana será publicado o relatorio e apreciação das contas, feito pela comissão que fôr eleita para dar cumprimento ao art. 22 do regulamento. Com a publicação deste relatorio e exposição de livros e documentos a quem os quizer ver, a direção dirá o que julgar conveniente para inteira elucidação da opinião publica e deporá o seu mandato,

A Direção,

MORCEGOS E TOUPEIRAS

As bases da carta

Dois sentimentos perfeitamente opostos determinou no publico a leitura da *Carta-proposta* endereçada por nós á D. Maria Caetano de Brito Gil.

Para uns, essa carta, que tão misteriosamente se subtraiu ás vistas do publico, para só lhe dizerem que o seu possuidor ou detentor a não dava não sei por quantos contos de réis, não veiu mais que revelar a enorme *chantage* que á sua sombra se tem feito. Esses que assim pensaram, são os que se acostumaram a conhecer-nos com a correção dos homens de bem. Felizmente, são a grande maioria.

Outros, mordidos de raiva, cairam no desespero, ao ver que ruia por terra o unico baluarte em que se entrincheiravam. Ficaram a descoberto. São poucos, muito poucos, e de baixa esfera. Homens de bordel, acostumados á remoer nas vidas alheias, não é para admirar que, desmascarados, se sentissem completamente perdidos.

De fato, no meio das muitas atoardas que no nosso meio desde ha tempos se lançaram, e que pacientemente temos destruido, baseado em documentos e testemunhos insuspeitos, essa carta, lida só pelos nossos adversarios, veiu dar grande incremento á ascorosa exploração que sobre a ultima vontade de D. Maria Caetano de Brito Gil se estava fazendo. E o impulso que essa carta lhe deu foi tanto maior, quanto é certo ter-se sobre ela lançado uma nota de bem calculado misterio.

Mas se tanto nos comprometia, porque nos não aterraram com a sua publicação? Porque se não submeteu á direta apreciação do publico um documento a que se atribuia um valor inestimavel? E' que aos exploradores e caluniadores de profissão, a esses entes abjetos, sem dignidade, nem pundonor, servidos apenas por uma consciencia torpe, podre e infeta, de cara estanhada e merecedores de azorrague, mais do que as proprias bestas, a esses não convinha que a luz jorrasse sobre um tal documento. Acabava-se-lhes o ensejo de se revelarem os mais reles canalhas, cochichando ao ouvido de cada um, a infamia de que se haviam embuido no seio da propria familia.

Ainda bem que nos chegou a ocasião de pôr cobro a tão baixos processos, reveladores da preversidade mais suja e da falta da mais rudimentar educação.

Depois do exposto, cumpre-nos transcrever, como prometemos, as bases da nossa *proposta*, bases que completam a carta publicada no ultimo *Heraldo*:

1.º A sr.ª D. Maria Caetano continuaria a ser usufrutaria como até aqui, e enquanto viva fosse;

2.º Eu só visitaria a horta e dela disporia para qualquer fim, depois do seu consentimento escrito;

3.º Continuaria a ser o medico da sua casa, se assim o entendesse e lhe merecesse confiança;

4.ª Seria eu quem pagaria a escritura e demais despezas resultantes, como seiscentos ou oitecentos mil reis de contribuição de registo, etc;

5.º Ficaria seu testamenteiro (sem remuneração);

a) Isto evitará que todos venham a pagar ao atual testamenteiro, quando todos precisam de dinheiro (e não pouco para pagar os direitos de transmissão). Em taes condições só está bem o testamenteiro atual, pois recebe dos outros exatamente o que precisa;

b) Eu faria os possiveis para evitar questões judiciaes entre eles. O atual testamenteiro pode escolher a parte que lhe cabe, que mesmo pode ser maior do que as outras, e os outros legatarios terão de se calar, ou ir para juizo, o que não lhes merece a pena;

c) Procuraria reduzir, a todos, os direitos de transmissão, o que poderá fazer diferença de dois contos ou mais. Para saber que isto é assim, basta dizer que os direitos correspondentes a vinte cinco contos são cinco e os correspondentes o dez são apenas dois;

6.º Trataria do seu funeral;

7.º Promoveria a sua trasladação para a Conceição, caso um dia venha a morrer fóra de lá;

8.º Praticaria a remoção das ossadas para o jazigo;

9.º Cuidaria e ficaria com o encago da limpeza do jazigo;

10.º Evitaria a partilha da horta, que continuaria a fazer lembrar o seu antigo proprietario. Ha coisas a respeito das quaes nós desejamos que depois da nossa morte se conservem como dantes. Se assim não fosse, não haveria jazigos, etc;

11.º Ficando a horta sob o meu dominio com duas terças partes da casa, natural era conservar o mesmo pessoal. Tudo seria conservado mais ou menos como está, já porque é promessa minha, já porque precisaria de pessoal, já porque, sendo todos eles honrados, não teria vantagens em os despedir.

12.º Tendo eu lá interesses, mais facilmente os ajudaria a todos, pois que todos hão de precisar de dinheiro para pagar os encargos do testamento e direitos de transmissão. Em logar de irem pedir dinheiro a 10 ou 12 por cento, emprestar-lh'o-ia eu a 6 ou 7 o que faz uma grande diferença;

13.º Passando a casa para a Dorinhas, que bem a merece tambem, poderia passar para a atual legataria da horta a sua parte atual;

14º Das casas podia ficar-lhe a terça parte, o que é bastante e mesmo de mais para ela e os seus habitarem;

15.º Ficando eu com a horta, mais facilmente lhes daria trabalho;

16.º Podia a atual legataria da horta ser compensada com uma pensão, que lhe garantiria a vida, bem que modesta.

P S Cada uma destas clausulas merece a maior atenção. *Se forem lidas e tornadas a ler com atenção. mais se reconhecerá o que elas valem e o que representam. Por elas se ajuiza bem que não tenho a intenção de prejudicar ou lograr ninguem.*

—

Muito nos poderiamos explanar em considerações de toda a ordem a respeito destas bases, mas não querendo fatigar os leitores, que bem apreciariam tudo, palavra por palavra, vamos colher as principaes conclusões:

1.ª A forma condicional em que nos expressamos em todas as clausulas, revela que a nossa proposta ficava perfeitamente ao arbitrio da D. Maria Caetano de Brito Gil e nunca, tome-se nota, nunca poderá ser considerada, contrariamente ao que o sr. Soares avenia, uma coação ou imposição. E' mister não saber portuguez e estar de má fé, para obter uma tão avessa interpretação.

2.ª Da 1.ª e 4.ª bases loda a gente infere que se tratava de uma escritura e não de um testamento, contrariamente tambem ao que o mesmo sr. Soares afirma.

3.ª Apresentando-nos como um extranho ao fazer a proposta, vê-se ainda qual o nosso escrupulo na assistencia a dispensar á D. Maria Caetano de Brito Gil e a confiança que ela em nós depositou, colocando-se ainda sob o nosso tratamento até morrer.

4.ª Da base 5.ª sobresae a alinea *b)* em que reconhecemos aos herbeiros, contrariamente ainda ao que o sr. Soares afirma, o direito de pleitear.

5.ª Se alguma das bases passaram ao testamento, porque outras já existiam no primeiro, nada mais revela isso do que a certeze que a doente tinha de que, embora nos não obrigassem taes disposições, nós as cumpririamos.

6.ª Ficando nós com a horta, passamos a prestar os serviços e temos os encargos inseridos nas bases 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª, 7.ª, 8.ª, 9.ª, 11.ª, 12.ª 15.ª e 16.ª e mais os apresentados e fixados pela doente: *a)* pensão mensal de 6$000 réis; *b)* pagamento das contribuições e direitos de transmissão correspondentes a essa pensão; *c)* construção de uma casa junto da parte desanexada.

Por aqui se vê, com olhos de ver, que a horta, cujo valor é muito menor do que muita gente imagina, não é para nós a herança que se dizia. Não foram portanto os interesses que nos determinaram a apresentar a nossa *proposta*, que em si contêm a essencia da questão.

E . lá se foi pela agua abaixo o castelo arquitetado pelo sr. Soares e pelos seus sequazes. Tenham paciencia, e continuem se assim lhes aprouver, pois quem corre por gosto não cansa.

Tavira, 10 de março de 1913.

Antonio Francisco de Sousa.

Movimento politico

Consta-nos que o sr. dr. Adelino Furtado, governador civil de Faro, desejoso de continuar a sua visita ás diferentes localidades do distrito, vae chamar a si alguns dos seus correligionarios, para com eles, em trabalhos de propaganda democratica, visitar as cidades de Tavira, Silves e Lagos e as vilas de Monchique, Portimão, Lagôa, Olhão, Vila Real e Castro Marim.

E' possivel que nesta visita se façam representar alguns deputados e senadores.

Achamos razoavel a ideia, de mais a mais nesta ocasião em que se torna indispensavel desfazer as explorações e *chantages* politicas que se teem levantado em volta das medidas legislativas atinentes ás pescarias.

VENDA DE ESPINGARDAS CAÇADEIRAS

Apreendidas por uma praça da guarda fiscal, proximo de Salir, vão ser vendidas em hasta publica —alem de outros artigos—tres belas espingardas caçadeiras, duas das quaes de fogo central, no proximo dia 17 do corrente, pelas doze horas á porta do quartel da guarda fiscal, nesta cidade.

Lembramos que, segundo os anuncios mandados afixar em varios pontos desta cidade, os arrematantes das espingardas devem achar-se munidos da competente licença para uso e porte de arma.

PINTOR-DECORADOR

Artista italiano de passagem, executa todos os trabalhos de pintura de arte, letras etc. Tambem faz traduções de linguas europeias. Rua Primeiro de Dezembro, 22, Faro.

Puericultura

Como se cria uma creança

IX

ALIMENTAÇÃO MISTA

Logo que complete nove mezes deve a creança ter uma alimentação mista, isto é, com as refeições de leite propriamente dito devem alternar-se as de papinha de leite, semula, sagú, aveia, féculas, etc, tudo preparado com leite, agua e assucar.

Antes desta edade é muito prejudicial dar de comer ás creanças, muito especialmente saindo-se do regimen que deixamos prescrito.

Depois dos dezoito mezes é que podem ministrar-se-lhe os alimentos solidos, carne, etc, mas com muita moderação, devendo voltar-se ao uso do leite logo que se manifestem quaesquer sintomas de doença.

Grande numero de creanças morre de enterites e de outras enfermidades, por se lhes dar de comer antes de tempo e, ainda no tempo proprio, por se lhes fornecerem refeições indigestas e irritantes para o aparelho digestivo, taes como feijões, sardinhas, atum, refogados, etc.

O vinho é tambem um grande excitante para as creancinhas, que dele não carecem, devendo, por conquencia, serlhes completamente negado.

Os bolos e pasteis tambem lhes não são proveitosos, muito pelo contrario, e por isso convem não lh'os dar.

Deve ter-se o maior cuidado com todos os preparados que venham em vasilhas soldadas a chumbo, como acontece com algumas farinhas.

O melhor regimen para uma creança que tenha completado nove mezes é o seguinte:

De manhã—farinha feita em leite; depois, de tres em trez horas, um copo de leite.

De tarde—uma segunda papa de farinha e leite, e tres horas depois outro copo de leite.

Os ovos quentes tambem lhe são muito uteis.

E' necessario não esquecer que ao regimen alimentar das creanças não convem excessos de comida, que teem a desvantagem de dilatar e prejudicar o pequenino estomago, nem os condimentos, que só produzem irritação.

VESTUARIO

Seja qual fôr a edade da creança, o melhor vestuario será sempre aquele que lhe permitir a absoluta liberdade de movimentos, sem deixar de favorecer a calorificação.

Meter o inocentinho dentro de vestidos apertados, que lhe dificultem a circulação e lhe comprimam o peito e os pulmões, é tudo quanto de mais prejudicial se lhe pode fazer, porque, sobre o tornalo doente, lhe impede o regular desenvolvimento de todo o seu organismo.

As toucas de tecido muito espesso são más. porque, mantendo a cabeça numa temperatura elevada, dão ás vezes origem a meningites.

CAMA

A cama que se recomenda é a que fôr provida de enxergão de palha e colchão de crina.

Debaixo da creança nunca se deve pôr qualquer substancia que se ensope com facilidade e que não possa ser substituida de um momento para o outro.

A pele de carneiro, de que tantas pessoas fazem uso, é muitissimo prejudicial, não só por estár a breve trecho transformada num foco de infeção, como tambem por servir da abrigo ás pulgas, que aos pobres inocentinhos, que se não sabem queixar, causam os maiores tormentos.

A creança precisa de andar sempre bem resguardada do frio, porque dispõe de pouco calor natural, em razão do seu pequeno volume.

O peito, o ventre e os pés carecem de um abafo rigoroso, para se evitarem os resfriamentos, que, nas creancinhas, são muito mais graves e perigosos.

QUARTO DE DORMIR

O quarto de dormir de uma creança não pode deixar de ter uma ou duas janelas, que deem franco acesso ao ar e á luz.

Na ocasião em que a creança está fóra da sua alcova, deve esta ter as janelas abertas, para que se estabeleça uma boa ventilação.

Nunca ao mudar-se uma fralda se deve deixar estar no quarto onde a creança dorme, porque, sobre ser o indicio de pouco asseio, é um agente de viciação do ambiente.

O quarto de dormir de uma creança carece dos maiores cuidados higienicos e, em regra, de não servir senão para ela e para a mãe ou ama,

Na falta de cobertores, muitas mulheres pobres costumam deitar sobre o berço dos filhos varias peças de vestuario de uso, taes como casacos, saias, etc.

Esta pratica é duplamente prejudicial, porque, sobre ser inconveniente, carrega de roupa as camas das creanças, tem ainda a grave desvantagem de levar para o contato dos inocentinhos as poeiras depositadas sobre os fatos e que podem conter alguns dos perniciosos germens de que as mesmas poeiras costumam ser veiculo.

A creança nunca deve utilisar-se dos objetos que tenham servido a outras pessoas, sem que esses objetos sejam convenientemente limpos e desinfetados.

Tanto o colchão como o enxergão e as roupas do berço, devem ser todos os dias postos ao sol e ao ar.

A cama das creanças deve ser alta, para as não compelir a respirarem o ar da camada inferior, sempre mais frio e insalubre.

Feminismo

As mulheres defendem-se

Como em toda a parte sucede, o homem é admiravelmente fino e delicado enquanto não profere o *sim* sacramental. Depois de possuir a mulher apetecida, ou é indiferente, ou grosseiro, ou bruto. Na America, e sobretudo no Estado do Illinois, é isto frequente. O macho, saciada a sua paixão, é intoleravelmente agressivo; alem de não fazer caso da mulher, sova-a com frequencia.

Ora tal situação, deprimente para uma criatura que presa a sua dignidade, não podia continuar. A mulher americana, a principio, resignou-se. Apanhava a sua conta e calava-se, confiada em que o marido se emendasse. Mas o bruto, achando mole, carregava com mais força. Como a paciencia tem limites, a americana decidiu — e fez ela muito bem—reagir contra a estupidez e a brutalidade dos maridos, adestrando-se no manejo do *box*. Para esse efeito organisou clubs especiaes, auxiliada por Mac Colloch, uma rija americana, que desempenha o elevado cargo de «juiz de paz».

Parece estranho que essa mulher, que é juiza de paz, apoie as pretensões guerreiras das suas compatriotas. Mas o fato explica-se naturalmente, sabendo-se que Mac Colloch, apezar de exercer um cargo publico, é tambem sovada pelo bruto do marido que, quando apanha o seu «pitão» (o que sucede amiudadas vezes) lhe chega com valentia a roupa ao pelo!

Assim, nos varios clubs do Illinois, as esposas sovadas exercitam-se no jogo de *box*.

Algumas delas são já tão destras e peritas nos *jags*, nos *sivings* e *fightings*, que os maridos não levam com elas a melhor.

Ha dias, apóz uma questiuncula, um brutamontes desancou a mulher. Esta, achando a dose excessiva, recalcitrou. O homem, furioso, carregou mais forte. Então a mulher, metendo nos dedos o *box*, assentou-lhe tal murro, que o desgraçado, com um berro, rolou no chão, com a cara num bolo...

A propaganda tem sido tão ativamente exercida, que rara é a mulher que não esteja preparada para se defender das brutalidades do marido. Organisaram-se, porem, dois grupos. Um, formado pelas mulheres de temperamento mais brando, pretende que só devem desagravar-se depois de exgotados os meios suasorios. Outro—e este é o mais numeroso—quer que se responda logo á letra. As mulheres que infileiram neste grupo andam sempre armadas para o que der e vier. Ao primeiro soco, de tal modo caiem em cima do homem, que o deixam a escorrer sangue. E' a unica maneira, dizem elas, de manter a paz conjugal. A paz e a dignidade, porque em seu entender, a mulher que apanha sem reagir, merece mais e mais forte...

As autoridades, prevenidas do caso, responderam, e muito bem, que a mulher tem toda a razão. E tem, com mil bombas! O que ela deve fazer é o que está fazendo. O marido bate-lhe?... Chegue lhe feio e forte e defenderá a sua dignidade e as suas costelas! O direito é egual. E postas assim as coisas, temos a certeza de que a harmonia domestica será completa. Quando o marido se convencer de que não bate impunemente e que, quando menos o espere, tem pelos queixos um *box* vingador, naturalmente desiste e, desistiodo, reinará a paz no lar.

O exemplo das mulheres de Illinois deve ser imitado. Não aconselhamos o *box*, que é mais particularmente americano, mas sugerimos o cacête, que é tudo quanto ha de mais portuguez. Quando um alarve qualquer ousar erguer a mão contra a sua companheira, que esta, com um solido cerquinho, lhe ponha os ossos num feixe. E se ele recalcitrar, nova dose puxada com mais força. Assim é que se ensinam os brutos...

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos. boca e dentes Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6

FARO

A FESTA DA ARVORE

A instancias do diretor do *Seculo Agricola*, e por especial recomendação do sr. diretor geral de instrução primaria, realisou-se no domingo, na sala das sessões das escolas primarias oficiaes primarias, desta cidade. uma sessão solene comemorativa da *Festa da arvore*, a que assistiram os alunos das escolas oficiaes, com seus professores, presidindo o digno inspetor sr. Portela da Silva.

Aberta a sessão, as creanças cantaram o Hino Nacional, fazendo depois o sr. Portela uma vibrante e entusiastica alocução á bandeira. Em seguida realisou-se a recitação de quatorze poesias, pelos alunos das escolas primarias, pela seguinte ordem:

ESCOLA MASCULINA DA SÉ: — *Minha mãe*, por Francisco Lourenço. *Poesia infantil*, por José Julio Moreira. ESCOLA FEMININA DE S. PEDRO:—*Queria ser senhora*, por Praxedes Trindade. *Quando eu casar*, por Domicilia Celeste. ESCOLA MASCULINA DE S. PEDRO: — *O dinheiro*, por Eduardo de Azevedo. *Portugal*, por Antonio Marcelino. *Regra de exceção*, por Fernando Paraizo. ESCOLA FEMININA DA SÉ: — *Pois sim senhor*, por Mariana Diniz. *A pena e o tinteiro*, por Maria Eutidice. *Dia de anos*, por Zaida I. Bomba. *A minha boneca*, por Maria Josefina Marques. *O pintacilgo*, por Mariana A. Santos. *A minha escola*, por Maria G. Trigo Sousa. *A morte do pobre*, por Germana Oliveira.

Findas as recitações foi entoado o *Hino da arvore* pelos alunos e plantada na cerca da escola uma nespereira.

Lista dos alunos que pela sua aptidão escolar levantaram a bandeira nacional:

ESCOLA MASCULINA DA SÉ:—Herculano de Sousa Leiria, José Filipe Falardo, Teodoro Coelho e Filipe Fernandes. ESCOLA MASCULINA DE S. PEDRO:—Augusto Tavares Belo, Joaquim Simões dos Santos Chumbinho e Eduardo Azevedo. ESCOLA FEMININA DA SÉ: —Helena da Encarnação, Benedita do Carmo Santos, Maria Luz Brito, Marieta Gravo Oliveira e Olivia Alexandrina Bomba. ESCOLA FEMININA DE S. PEDRO:—Praxedes Trindade e Deolinda Silva.

A plantação das arvores foi feita pelo grupo de alunos que pela boa aplicação escolar foi escolhido para a bandeira nacional.

Depois discursou ácerca da plantação da arvore o sr. Honorato da Silva Santos. funcionario do extinto comissariado de instrução primaria em serviço na inspeção escolar.

Terminada a plantação, as creanças entoaram os hinos da Arvore e Nacional.

Foi uma linda festa que deixou em todos a melhor impressão.

OS MISERAVEIS

Vae exibir-se nos dias 19 e 20 do corrente mez, no *Teatro Circo* de Faro, a monumental pelicula cinematografica *Os miseraveis*, tirada do sensacional romance de Vitor Hugo.

Esta grande fita, que mede 4.600 metros e é dividida em nove partes, começa pela prisão do desgraçado Jean Valjean, rapaz que ficára órfam de pae e mãe e fôra recolhido por sua irmã Joana, que ao tempo era casada e depois enviuvou, tendo sete filhos.

Uma noite, quasi morto de fome, saiu de casa, foi ao largo da igreja, fez em estilhaços uma janela da padaria Mambeal e roubou um pão.—Nessa triste aventura, Jean Valjean foi surpreendido, e tanto bastou para que pouco depois já estivesse preso.

Sendo julgado, o tribunal condenou-o em 5 anos de trabalhos forçados e em virtude disso, entrou nas galés e partiu numa leva para Toulon.

Entre muitas cenas e passagens comevedoras, que produzem as mais fortes impressões, ha na fita duas figuras notaveis: um bispo e um vagabundo,—o bispo Mirel e o pequeno Gravoche.

Ao contrario do que sucede com o maior numero dos padres, o bispo Mirel era virtuoso e bom,—talvez o padre mais virtuoso em toda á França. A sua preocupação eram os pobres, os operarios, os doentes, os hospitaes,—a miseria e a fome.

Foi este padre quem fez de Valjean, condenado ás galés, um cidadão util, prestimoso e bom

E Gravoche? Saltou uma barricada e, junto dos mortos e feridos, andava recolhendo num cesto de verga as munições que depois oferecia aos revoltosos.

—Que fazes ahi? perguntou-lhe uma vez o sargento Courfeirac.

—Estou enchendo o cesto.

—Pois tu não vez a metralha?

—Ora adeus! Que tem isso?!

Quando o pequeno Gravoche tirava da patrona dum soldado morto os cartuxos que continha, uma das balas inimigas atingiu o cadaver e, então, Gravoche, impassivel e risonho, disse: «malvados! lá começam agora a *matar* os pobres mortos!

E pouco depois era Gravoche que morria tambem, e o seu corpo confundia-se no meio dos outros cadaveres.

Será isto mais que suficiente para dar aos nossos leitores uma ideia da grande pelicula *Os Miseraveis*, extraida do maior romance de Vitor Hugo, um dos mais gloriosos e dilctos filhos da França.

Vinhas, vinhos e prados

A. VENANCIO PACHECO

Br. 600 reis.

NOTICIARIO

Vimos em Faro o sr. Manuel Silvestre Dias Peres, nosso presado correligionario de Odeleite.

= Afim de tratar de assuntos relativos ao concelho de Castro Marim, esteve em Faro o nosso presado correligionario sr. José Gilberto Madeira, do Azinhal.

= Foi provida definitivamente como professora da escola de Quarteira, a sr.ª D. Francisca Cabrita de Almeida. A sr.ª D. Maria das Dores Silva, professora da escola de Athernoa, foi transferida para a de Horta de Vilarinhos, concelho de Faro.

= Foi nomeado interinamente, medico dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, o sr. dr. Filipe Baião.

= Em substituição do capitão tenente sr. Tito de Moraes, vae ser nomeado capitão do porto de Setubal o oficial da mesma patente sr. Diniz Ayala.

= Vae ser concedida uma pensão de sangue á sr.ª D. Carolina Alves, mãe do missionário Abel Alves Ferreira, morto em combate por ocasião da revolta de Timor.

= Foi mandado apresentar no ministério do Interior, por ter sido nomeado escriturario encarregado da catalogação, o ajudante do conservador do Museu Botanico da Faculdade de Ciencias de Lisboa, o 2.º sargento de infantaria 4 sr. Lazaro Parreira de Oliveira.

= Determinou-se que a duração das comissões do pessoal da armada nas colonias fosse assim ficsada:

Cabo Verde, India e Macau, 6 anos; Loanda, Benguela e Moçambique, 4 anos, Mossamedes, Lourenço Marques e Inhambane, 5 anos; S. Tomé e Principe, Congo, Zambeze e Timor. 3 anos, 2 mezes e 13 dias.

=Em consequencia de ter terminado o seu cruzeiro na costa do Algarve, regressou a Lisboa a canhoneira *Lurio*.

= Realisou-se em Braga um comicio de protesto contra a extinção da Escola Normal daquela cidade.

=Partiu para Lisboa com destino ao estrangeiro o sr. José Teodoro de Almeida Coelho, acreditado negociante da nossa praça.

= Foi nomeado escriturario de 3.ª classe o escrevente de via obras sr. João Batista da Graça.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 13—D. Maria do Carmo Peres, D. Elvira de Oliveira Fonseca, D. Maria Guilhermina de Sousa Alves, D. Tomazia Maria Calapez Mascarenhas, João Ortigão Peres, Manuel da Costa Rosado, Pedro Augusto da Silva, Manuel da Silva Borges e o menino Augusto Alberto Freire.

Sexta, 14—D. Sara Sabath Arancot, D. Manuela Simões de Carvalho, D. Maria Eugenia da Silva Reis, dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, João Antonio Correia dos Santos, Augusto Carlos Xavier Caimoto e Manuel José Viegas.

Sabado, 15—D. Maria Perpetua Ribeiro dos Santos, D. Benedita Cruz Raimundo, D. Leopoldina da Trindade Cunha, D. Isaura Gomes Peres, D. Augusta Aurora Ferreira, Francisco José Pinto, Mateus Joaquim da Silveira, Manuel José Viegas, Silvestre dos Prazeres Pereira e Anacleto Mauricio de Almeida.

Casamentos:

No sabado, depois do registo civil, realisou-se, pelas doze horas, na egreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, a ceremonia religiosa do consorcio da sr.ª D. Maria Libania Ludovico com o sr. José Soares Marques de Gusmão.

A noiva, filha do sr. José Maria Ludovico, secretario de finanças em Olhão, e da sr.ª D. Isabel Ludovice, reune ás maiores virtudes a mais interessante beleza fisica; o noivo, antigo empregado do comercio de Benguela e interessado numa das mais importantes casas da mesma cidade, é um cavalheiro digno de todas as felicidades pela lhaneza do seu caracter e outras qualidades que o tornam digno das maiores simpatias.

Foram testemunhas do ato, além dos paes da noiva, os srs. Antonio da Costa e esposa, D. Adelia de Lencastre Brandeiro Pinto da Costa, e dr. José Ribeiro Casianho, delegado de procurador da Republica, em Faro, que se fez representar pelo sr. Manuel Costa.

A este enlace auspicioso assistiram muitos amigos das familias dos noivos, trocando-se numerosos brindes muito afetuosos.

Após a ceremonia religiosa, o rev. prior de S. Sebastião da Pedreira produziu uma brilhante alocução, felicitando os noivos e suas familias, de quem era antigo e particular amigo

Depois de tudo isto foi servido um primoroso *lunch*, fornecido pela acreditada Pâtisserie Bénard.

Necrologia:

Faleceu em Alcantarilha o abastado proprietario sr. José Bernardo Grade dos Santos, filho da sr.ª D. Quiteria Judice Grade dos Santos.

A' familia enlutada os nossos pezames.

Atenção

Por motivo de retirada para Lisboa

Vende-se por preços convidativos o seguinte: —Mobilia de sala, estilo Luiz XV; de casa de jantar, estilo Henrique II; de quarto, em nogueira de polimento; cadeiras e sofás de verga; uma maquina de costura; vidros e louças; uma secretaria á ministro, e respetiva cadeira, de pau santo; um cofre á prova de fogo; um piano, um predio de casas na rua Camões, com o n.º 19; uma outra casa em Estoi; um mylord; uma magnifica parelha de cavalos.

Tambem se passam algumas escrituras de hipothecas.

Quem pretender dirija-se á rua Carlos da Maia,-17 em Olhão.

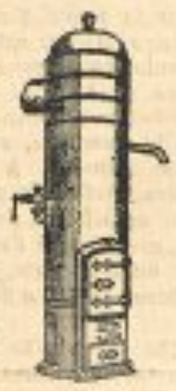
LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A ROUPA QUE VESTE A HUMANIDADE FOI COSIDA COM A MACHINA SINGER

A SUPREMACIA DA

MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER

as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER É A

SINGER "66,,

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM — SER DE UTILIDADE PRATICA —

Estabelecimentos SINGER em todas as cidades do mundo

RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000:000$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo
Seguros maritimos
Seguros de cristais
Seguros contra roubos
Seguros postaes
Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 52 58 — LISBOA

Comida e cama a 800 e 1$000 rs. Camas a 200 e 300 rs.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE **ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA**

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os colegios e liceus

---

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRAZOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encommenda com a maior brevidade

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS = FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitaes e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 o Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

EXTRATO HEROICO

(Extrato fluido de origem vegetal)

Preparado pelo farmaceutico **Antonio Cardita**

O extrato heroico não é toxico e tem uma notavel ação hemostatica, sendo simultaneamente, um poderoso anti anorexico e tonico geral. E', por isso aconselhada não só aos tuberculosos, como aos anemicos, neurastenicos aos que sofrem da falta de apetite e aos debilitados por enfermidades prolongadas.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despeza esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis.

Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi do um dia para o outro; o da não menos importante circunstancia da reducção da despeza resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

IMPRESSÕES A CORES E OURO

VARIEDADES DE BILHETES DE VISITA

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospetos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de oficios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

ARTE

Revista literaria e cientifica de que é Director

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310--PORTO

Tinturaria Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquela cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as côres; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para colchões, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a tôr no ato da entrega e se distinguir, restitui-se a importancia.—Preto para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 58-A—FARO

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

ENSINO TEORICO E PRATICO

Livros escolares do professor DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Quimica Elementar (7.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22×15cm com 122 gravuras. (PREÇO—1$500 réis.

Obra util e recomeodada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as teorias quimicas são molódicamente tratadas em separado com a maxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descritiva é rica na indicação de experiencias attractivas e preparações de verdadeiro interesse na vida pratica; e os problemas fundamentaes da quimica elementar estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literais e exemplificações numéricas da disposição dos calculos. Este compendio foi adotado em seguida á sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminarios, no Instituto Industrial e Comercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriaes e agricolas.

Lições de Fisica do curso geral dos liceus e escolas normais (11.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22×15cm com 400 gravuras. PREÇO—1$200 réis.

Este compendio, dividido pedagógicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no *Diario do Governo* n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente proposto para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão oficial no concurso de 1900 (*D. do G.* n.º 192).—Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a prosença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, em cuja matéria podem ter logar aplicações numericas, se encontram enunciados problemas muito faceis que notavelmente contribuem para a clara comprensão dos assuntos da respectiva lição.—Pelo seu metodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possue particulares vantagens para se adquirirem sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normais, mas tambem ao ensino ministrado nos seminarios, nas escolas elementares industriais e nas de comercio e agricolas.

Tratado de Fisica Elementar (8.ª Edição). Um volume de IV-764 páginas no formato 22×15cm com 752 gravuras PREÇO—1$800 réis.

Este excelente livro de Fisica foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1895, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diario do Governo* n.º 218 do mesmo ano. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão oficial no concurso de 1900 (*D. do G.* n.º 192). Esta edição está inteiramente acomodada á revisão geral do estudo da Fisica nos liceus de harmonia com as instrucções que acompanham os programas do curso complementar, pois que, além das matérias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contem as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvolvida e metódica colecção de problemas numéricos acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos oficiais de livros de ensino e que estão vulgarisadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias fisico-quimicas encontrando-se atualisadas com a incorporação das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas; tais como a da fotografia das cores, da fotografia atravéz dos corpos opacos ou raios-X, das correntes d'alta frequencia, dos radioconductores, da telegrafia sem fio e da radioactividade. Os principios e deduções theoricas, as experiencias demonstrativas, as aplicações praticas e os problemas numéricos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagógica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino teórico e prático, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros uteis fóra dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (regras e preceitos) para principiar a operar com segurença e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reações dos corpos e dá electricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenómenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito.

LISBOA *Livraria Ferin*, Rua Nova do Almada, 70.—PORTO *Livraria Chardron*, Rua das Carmelitas, 144.—COIMBRA *Livraria França Amado*, Rua Ferreira Borges, 115.